



**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Embrapa Amazônia Ocidental**  
Ministério da Agricultura e do Abastecimento  
Rodovia AM 010, Km 29, Caixa Postal 319, CEP 69011-970, Manaus-AM  
Fone: (92) 622 2012 - Fax: (92) 622 1100

**PESQUISA EM ANDAMENTO**

Nº 34, dez/99, p.1-2

## **EPIDEMIOLOGIA DA SIGATOKA NEGRA DA BANANEIRA (*Musa spp*)<sup>1</sup>**

José Clério Rezende Pereira<sup>2</sup>  
Luadir Gasparotto<sup>2</sup>  
Marilene Maciel da Costa<sup>3</sup>  
Mirza Carla Normando Pereira<sup>4</sup>

Estudos de progresso da doença associados a variações e/ou efeitos de variáveis climáticas permitem prever as épocas de maior severidade e/ou surtos da doença de forma a estabelecer qual ou quais as estratégias de controle que são mais viáveis do ponto de vista econômico-ambiental. No que se refere à Sigatoka negra, doença mais severa da bananeira, os dados epidemiológicos podem propiciar a adoção da exclusão como técnica de controle, bem como precisar a época de se promover o controle químico.

Para estudar o progresso da doença, será escolhido um bananal da cultivar Prata, em início de produção com alta incidência da doença, localizado no município de Rio Preto da Eva-AM. Serão efetuados todos os tratamentos culturais necessários à cultura, exceto a aplicação de fungicidas. O experimento será conduzido no período de março de 1999 a fevereiro de 2001.

Para quantificar o desenvolvimento da doença e o crescimento do hospedeiro serão marcadas ao acaso seis plantas onde, semanalmente, e durante todo o ciclo da planta, serão registrados a fenologia, o progresso das lesões e a severidade da doença.

Para avaliar o crescimento do hospedeiro será usada a escala da Brun onde os estádios de crescimento da folha da vela seguiram uma escala diagramática, variando de 0,0 a 0,8 (Ventura, 1984). As leituras serão realizadas semanalmente, para cada, computando-se o número de folhas presentes e o número de folhas quebradas ou removidas. Considerando o sistema de crescimento da bananeira, as folhas serão numeradas no sentido descendente, sendo as primeiras as mais jovens e as últimas as mais velhas.

<sup>1</sup> Trabalho a ser desenvolvido com recursos financeiros do Ministério da Agricultura e Embrapa Amazônia Ocidental.

<sup>2</sup> Eng.º Agr.º, Dr., Embrapa Amazônia Ocidental, Caixa Postal 319, CEP 69011-970, Manaus-AM.

<sup>3</sup> Eng.º Agr.º, M.Sc., Bolsista do CNPq/Embrapa Amazônia Ocidental/SHIFT.

<sup>4</sup> Embrapa Amazônia Ocidental.



Para cada data da leitura, serão anotados, por planta e para cada folha, os estádios de desenvolvimento das lesões, seguindo-se a técnica de Klein (1960), atribuindo-se valores de um a doze. De acordo com o desenvolvimento das lesões, o valor um será para os sistemas iniciais representados por uma leve descoloração do tecido em forma de estria indefinida, e o valor doze para as lesões no último estágio de desenvolvimento, caracterizadas pela seca do tecido central que adquire a cor palha.

Considerando que as folhas ficam predispostas para infecção após o estágio 0,2 e não sendo praticamente infectadas após ocuparem a posição de número dois e três na planta, calcular-se-ão os períodos de incubação (Pi) e latente (PL), definindo-se o primeiro como o intervalo em dias entre a vela no estágio 0,2 e o aparecimento de estrias no estágio um e, para o segundo, o intervalo em dias entre a vela no estágio 0,2 e o aparecimento das lesões no estágio doze.

A porcentagem da área foliar doente será avaliada pelo método proposto por Mobambo et al. (1994), onde, visualmente, atribuir-se-ão notas de um a sete, que correspondem à estimativa da porcentagem de superfície foliar afetada, onde: 1 = sem sintomas; 2 = 1% e/ou até dez manchas com um centro seco; 3 = 2% - 5%; 4 = 6% - 15%; 5 = 16% - 33%; 6 = 34% - 50%; 7 = 51% - 100% de área foliar doente. Serão consideradas folhas mortas aquelas que se apresentam totalmente amareladas, secas ou dobradas na região do pecíolo. Estabelecer-se-ão, como área foliar afetada inicial, a obtida na primeira avaliação, e, como área foliar final, a obtida na leitura que anteceder à data em que a folha será dada como morta. Concomitantemente, serão registrados os dados de precipitação pluvial, temperatura e umidade relativa do ar.

**IMPRESSO**